

# MOVIMENTOS SOCIAIS



*A opinião pública tem mostrado sinais de adesão ideológica às pautas dos movimentos sociais. O engajamento político, no entanto, não acompanha esse processo de adesão: disputar narrativas parece ser o grande desafio das mobilizações.*

## A DISPUTA DE NARRATIVA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

### A vontade do povo

No mês de novembro, o Instituto Ideia Big Data divulgou o resultado de uma pesquisa, encomendada pelo movimento Agora!. A conclusão, segundo o jornal *Valor Econômico*, é de uma “baixa adesão dos brasileiros a teses conservadoras”.

Nessa tempestade de ideias fora do lugar, é preciso separar alguns elementos importantes. O primeiro deles é a natureza do movimento Agora!, que pagou a pesquisa, pois possui entre seus membros e cofundadores, Carlos Jereissati, do grupo Iguatemi, Luciano Huck e o ex-Secretário Nacional de Justiça do governo da presidenta Dilma Rousseff, Beto Vasconcelos.

Analisar a natureza desse movimento é uma questão um tanto quanto complexa, já que se apresenta empenhado “em reinventar a política no século 21, com ações políticas consistentes com a sociedade contemporânea e construindo diálogos e parcerias entre múltiplos atores para melhorar políticas públicas e a vida das pessoas”.

Para além dos termos vagos e dotados de uma mo-

deridade altamente publicitária, é de se questionar qual ação política não intui ser consistente com a sociedade e capaz de construir diálogos.

Essa talvez seja a definição mais abrangente possível de movimento social que possamos adotar. Mas a esmagadora maioria de homens brancos e ricos que compõem o dito movimento teve uma ideia interessante (mas não inovadora): encomendar uma pesquisa sobre a adesão do povo brasileiro a ideias conservadoras e progressistas.

Talvez tenham se assustado com o resultado. Entre os números, são dignos de nota os 84,5% dos brasileiros que acreditam ser fundamental um presidente que saiba escutar os mais pobres, os 76,9% que acreditam que o pobre paga mais imposto no Brasil do que o rico e os 79,4% que preferem a melhoria dos serviços públicos à redução de impostos.

O presidente Lula, entre aqueles que possuem pontuação competitiva nas pesquisas de intenção de voto para a eleição presidencial em 2018, é o único que acredita nesses três elementos que, curiosamen-

te, captaram números muito parecidos com a aprovação de Lula ao final de seu segundo mandato.

Outra menção importante é o título da matéria do *Valor Econômico* para divulgar a dita pesquisa, que trata de baixa adesão a teses conservadoras, enquanto o que podemos perceber, de fato, é uma enorme adesão a teses progressistas. Basta perceber que, mesmo quando as teses conservadoras se dão melhor nos números, eles mal chegam a 56%, como no caso da legalização da maconha.

O tal movimento Agora!, com toda a sua inovação, descobriu que o povo brasileiro guarda algum grau de consciência de um papel de Estado mais ativo na vida das pessoas, com responsabilidades na redução de desigualdades e na indução do desenvolvimento, além das questões de direitos e garantias individuais de grupos historicamente reprimidos.

A grande imprensa se desespera com esse tipo de resultado, porque ele vai no sentido oposto da narrativa que vem sendo construída ao longo de décadas desde a Constituição de 1988, sobre um Estado mínimo, neoliberal, “moderno e flexível”.

A pergunta que fica é: com tanta campanha da mídia contra esses valores suportados pela população no resultado da pesquisa, quem está de fato disputando esses pensamentos com o povo?

### Narrativas e estratégias

Nenhuma resposta seria categórica para a pergunta acima, mas há algumas hipóteses. A primeira é a de uma memória qualificada dos anos dos governos do PT. Isso porque talvez as pessoas possam ter deparado com um modelo de Estado e de desenvolvimento em oposição ao anterior (que elegeu e reelegeu Fernando Henrique Cardoso), capaz de gerar transformações efetivas na vida das pessoas.

E um exemplo dessa consciência de que há um modelo embutido na política adotada pelos governos do PT é exatamente a confluência de uma intenção de voto absolutamente vantajosa ao presidente Lula nesse momento, e a consciência, também apontada pela pesquisa, de que não existe salvador da pátria em política (mais de 70%).

A probabilidade mais alta é que as pessoas acreditam

que Lula representa uma ideia de nação mais conectada com o povo brasileiro.

No entanto, os valores de um modelo de Estado difundidos pelas pessoas possuem diferentes graus de adesão e de transferência eleitoral, a depender do local e da conjuntura política. Basta ver as eleições de Doria e Crivella, por exemplo.

Somam-se a esses elementos o alto grau de individualismo que também aparece nas pesquisas. Noções altamente difundidas como a teologia da prosperidade, o empreendedorismo e a ideia do *self made man* se entrelaçam com as noções de Estado e desenvolvimento e os dissabores dos momentos eleitorais.

É nesse cenário de aparentes contradições que se insere a atuação dos movimentos sociais. Diariamente as ruas são tomadas desses sinais invertidos, as pessoas se comportam dessa forma e as bases sociais se movem tão rapidamente que um dirigente distante de sua base jamais seria capaz de entender.

A ideia, aqui, não é apontar soluções ou caminhos que os movimentos sociais devam ou não seguir, mas explicar que a complexidade dos sinais populares nos dá uma razoável dimensão do desafio que será 2018 e também do desafio que é o trabalho de mobilização.

As narrativas são expressões condicionadas às impressões próprias de grupos e/ou instituições que apontam para fragmentos mais ou menos convincentes da realidade. Essas construções hoje se apresentam como fundamentais na disputa política.

Isso porque a construção de narrativa política depende, num livre raciocínio, de três elementos: a geração da impressão própria do grupo, a conexão dessa impressão com a realidade das pessoas e a capacidade de convencimento.

Essa talvez seja a grande razão do alto sucesso das pautas identitárias no Brasil no último período. Não há dúvida que o debate público avançou muito sobre essa pauta. A própria pesquisa citada acima indica que a maioria da população brasileira defende o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, o direito da adoção para casais homoafetivos, a não punição a mulheres que fazem aborto e a defesa de cotas para negros nas universidades públicas.

Isso porque as três fases da construção de narrativa

são cumpridas por esses grupos de mobilização social por meio da construção de elementos como empatia, disputa de valores e muita conexão com a realidade da vida das pessoas.

Por outro lado, as expressões de sucesso dos movimentos sociais no último período, especialmente em 2017, não ficam apenas nas pautas identitárias. Pode-se apontar desde já os destaques das estratégias bem sucedidas da CUT e do MTST na resistência ao golpe.

A CUT, que realizou uma grande greve geral em abril, optou por uma estratégia arriscada, mas correta de seguir o caminho oposto ao da grande maioria das outras centrais. Não negociou com os golpistas, não ficou rendida às graves consequências financeiras do golpe no sistema sindical e suportou uma linha de ação que a coloca na centralidade do debate contra as reformas nesse momento.

De outro lado, a estratégia de atuação do MTST, que de certa forma também é parecida com a da CUT, apontou para uma radicalização aceitável do discurso, numa clara tática de tornar o movimento mais palatável ao grande público. A ocupação Povo Sem Medo em São Bernardo do Campo é um grande exemplo disso. Gerou empatia na população, conseguiu cres-

cer de forma muito substancial e atraiu até mesmo a atenção de grandes nomes da cultura brasileira.

### A rotina da guerra

Com sinais positivos e negativos, é fato que 2017 foi o ano que nos ensinou a viver uma rotina de guerra. Do parlamento aos movimentos sociais, todos fomos capazes de compreender que vencer um golpe demanda muita capacidade de estratégia e resistência mas também de um grau de resiliência complexo.

Apartado dos termos bélicos, é preciso que se entenda que a somatória dos processos de construção de narrativa, de estratégia e mesmo das contradições da opinião pública é que será capaz de apontar para o resultado do processo político que está por vir na história do Brasil.

Não há possibilidade de uma solução única e definitiva. A complexidade das múltiplas realidades e a capacidade de intervenção dos movimentos sociais poderão nos dizer em que pé estaremos na disputa de valores e, em última análise, no debate da hegemonia no Brasil dos próximos vinte anos, que possivelmente será muito diferente do país no qual vivemos até agora.